

126072

A FAMA EM OS LUSÍADAS

HELENA RORIZ TAVEIRA

1 — INTRODUÇÃO

Tendo como ponto de partida a temática sobre a *fama* em *Os Lusíadas*, será procurado estabelecer, na presente exposição, um breve paralelo entre a *fama* nas epopéias da Antigüidade Clássica, a *Iliada*, a *Odisséia* e a *Eneida*, e a *fama* na Epopéia *Os Lusíadas*.

Para tanto, tal paralelo se estabelecerá partindo-se da acepção de *fama* significando *glória* e portando ainda o vocábulo toda uma carga semântica a qual poderemos observar através das acepções expostas no item referente à conceituação.

Na Antigüidade Clássica teremos a *fama* = *glória*, em termos de aspirações terrenas, imediatas, enquanto que na Idade Média a concepção sofrerá alterações, ou seja, aí teremos a presença de uma *fama* = *glória*, de caráter eterno. Fato este intrinsecamente vinculado aos preceitos radicais de uma fé religiosa que possibilitava o acesso à Santa Inquisição. Posteriormente, na Renascença, ocorrerá a retomada da significação do vocábulo *fama* = *glória*, tal como o fora na Antigüidade, o que se justifica plenamente pela própria natureza do Humanismo Neo-Classicista. Teremos então a presença da *fama* = *glória* renascentista com a mesma conotação greco-romana na epopéia lusitana, o que poderíamos relacionar a Reinhold Schneider quando se refere à falta de fé cristã como resultado do fato de a religião ter dado a Portugal reduzido estímulo real às invocações feitas pelo povo, o que bem elucida através das palavras:

"nomes sagrados eram invocados à partida das naus e no início de qualquer empreendimento, sem que porém, tais invocações conduzissem a façanhas gran-

diosas, tornando-se pois, irrelevantes por não produzirem o efeito desejado. Conquanto o céu não pudesse impulsionar os portugueses a fim de dilatá-lo, ele, contudo, estava preparado para recebê-los como lugar de refúgio, tão logo as fantasmagóricas esperanças lusas começassem a naufragar."

Camões, Angústia e Tragédia. São Paulo, Herder, 1967, p. 169-70.

A Igreja e aos jesuítas foi atribuída a culpa pelo grande adormecimento de fé lusitana. No entanto, os portugueses buscaram algo inatingível, uma felicidade efêmera. O mundo não compensava os esforços feitos, as lutas e os empreendimentos. Desta forma, deixam os lusitanos a Índia e voltam à pátria à procura de refúgio na Igreja. Com a mesma paixão que o povo se entregara à volúpia dos sentidos, entrega-se posteriormente à volúpia da flagelação e da prece fêrvida, enquanto acende a fogueira da Santa Inquisição, como bem mostra Schneider.

Hernâni Cidade na obra *Luís de Camões: O Épico*, faz algumas observações acerca da figura do herói, sobre as quais podemos concluir que ocorreu nele uma espécie de metamorfose, ou seja, uma transformação dos poemas hindus para os homéricos e destes para os medievais.

Nos poemas hindus, o herói surge como a encarnação de um deus, e tudo nele, desde o porte físico até os feitos que realiza, pode ser pensado ou decorrer completamente fora dos moldes humanos, fato este que pode se dar com proporções monstruosamente desmedidas.

Em Homero, os heróis aparecem na medida humana e quase até mesmo os deuses, concebidos como realizações superiores de tipos humanos, sem as limitações que impedem em cada um a realização dos objetivos como seria desejada. A própria intervenção dos deuses no desenrolar da ação é bastante discreta, indireta, salvaguardando desta forma a liberdade do herói.

Nos poemas da Idade Média, o convívio entre os heróis e os poderes transcendentais ocorre de maneira mais discreta. O que destaca Hernâni Cidade ao fazer a elucidação:

"E se as sagas escandinavas excedem em muito estas medidas, dando expressão a um fantástico menos humanizado que o dos poemas homéricos, lembremos que o Cantar de mio Cid é o mais possível aderente à realidade da vida de guerreiro peninsular do Séc. XII."

Luís de Camões: O Épico. Lisboa, Bertrand, 1975, p. 17.

2 — CONCEITUAÇÃO

FAMA é um vocábulo que encontra suas raízes na Língua Latina. Segundo Koehler em seu *Dicionário Escolar Latino Português*, temos:

FÁMA, ae f. boato; lenda, tradição; *FAMA POPULARIS*, opinião pública; boa ou má fama, reputação; glória, renome; infâmia, *ESSE IN ORE ET FÁMA ÓMNIUM*, andar na boca de todos; *FÁMA EST, TENET, OBTINET* ou *FÁMA AFFERT, PERFERT* (com ac. inf.), dizem que; *FAMA CRESCIT EUNDO*, a fama cresce, transmitindo-se de um a outro ou quem conta um conto, acrescenta um ponto.

Ernesto Faria, no *Dicionário Escolar Latino-Português*, edição do MEC, apresenta o vocábulo sob a forma:

FÁMA, ae, subs. f. I — Sent. Próprio: 1) O que se diz ou conta de alguém, voz pública, voz corrente (Cir. Fam. 12, 4, 2). II — Daí: 2) Renome, reputação (boa ou má) (Cir. Tusc. 3,4); (Cíc. Fin. 3, 57). 3) Opinião firmada, crença, tradição (Cíc. Nat. 2, 95). III — Subs. pr. 4) A Fama, divindade, filha da Terra; possuía numerosos olhos e ouvidos que tudo viam e ouviam, e outras tantas bocas para o propalar (Verg. EN. 4, 173-188).

No *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*, de Francisco Bueno da Silveira temos:

FAMA — s. f. Renome, celebridade, reputação. Lat. FAMA, de FARI, falar; gr. PHEMÈ.

Orlando Moraes e Leonam Pena, no *Dicionário de Sinônimos e Antônimos*, registram o vocábulo de modo não diferente:

FAMA: celebridade, nomeada, notoriedade, renome, glória, reputação.

Aurélio Buarque de Holanda em seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* traz a seguinte notação:

FAMA: (Do Lat. FAMA.) S. f.. 1 Voz geral; voz pública. 2. Renome, nomeada, nome, celebridade, notoriedade; glória. 3. Reputação, conceito, nome: *casa de má fama*; "os norte-americanos têm fama de ser os melhores maridos do mundo." (Alceu Amoroso Lima, *A Realidade Americana*, p. 61). 4. Notoriedade;

publicidade: *bem cedo seu talento ganhou fama*. S.M. 5. Bras. Homem famoso; celebridade.

Tassilo Spalding, no *Dicionário da Mitologia Latina* apresenta:

FAMA — Mensageira de Júpiter, a qual tinha cem bocas e cem ouvidos, com longas asas guarnecidas de olhos. Os atenienses e romanos ergueram-lhe templos.

Na obra *Paidéia: A Formação do Homem Grego*, Werner Jaeger nos fala sobre o nascimento de um ideal definido de homem superior, aspiração do scol da raça grega, como algo muito importante na personalidade helênica, surgido no mundo aristocrático da Grécia primitiva. Segundo ele, o tema essencial da História da Educação é antes de tudo o conceito de *arete*, o qual não possui na Língua Portuguesa um termo equivalente exato. O vocábulo que mais se lhe aproxima talvez possa ser "virtude", não na acepção exclusivamente moral, mas sim como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro. A raiz conceitual assenta-se nas concepções fundamentais de nobreza cavaleiresca. O ideal educador grego, na sua forma mais pura, fixa-se no conceito de *arete*.

Jaeger aponta como testemunho mais remoto da antiga cultura aristocrática helênica, Homero com as epopéias *Iliada* e *Odisséia*. Homero transformou-se para nós em fonte histórica da vida naqueles tempos, e a expressão poética imutável dos seus ideais. Werner Jaeger a este respeito destaca dois pontos interessantes a saber:

"Por um lado, temos que tirar dele a imagem que nós formamos do mundo aristocrático; por outro inquirir como o ideal de Homem ganha forma nos poemas homéricos e como a sua estreita esfera de validade originária se alarga e se converte em força educadora de muito maior amplitude."

Paidéia: A Formação do Homem Grego. São Paulo, Martins Fontes, 1979, p. 23.

Na obra de Homero, como também em obras posteriores, o conceito de *arete* é freqüentemente usado no seu sentido mais amplo, ou seja, não só para designar a excelência humana, como

também a superioridade de seres não humanos; a força dos deuses e a coragem e rapidez dos cavalos de raça.

As várias acepções do conceito de *arete* são assim mostradas por Jaeger:

“Os gregos entendiam por arete sobretudo uma força, uma capacidade. As vezes definem-na directamente. Vigor e saúde são a arete do corpo; sagacidade e penetração, a arete do espírito. É difícil harmonizar estas concepções com a explicação subjectiva agora usual, que faz derivar a palavra de “agradar”. É verdade que arete tem com frequência o sentido de aceitação social, significando então “respeito”, “prestígio”, mas isto é secundário e deve-se à grande influência social de todas as avaliações do homem nos primeiros tempos. Originariamente a palavra designava um valor objetivo naquele que qualificava, uma força que lhe era própria, que constituía a sua perfeição.”

Op. cit., p. 24.

A poesia épica também reconhece ao lado de *arete* outros valores. Na *Odisséia* por exemplo, sobretudo no seu herói principal, acima da valentia, que passa a ser algo secundário, a prudência e a astúcia sobrepõe-se-lhe.

A significação de *arete* como expressão de força e coragem heróicas, estava bastante fixada na linguagem tradicional da poesia homérica. Era natural que em épocas guerreiras, o valor do homem fosse apreciado sobretudo, sob tais aspectos. A conotação de *arete* varonil é encontrada em Homero quando se refere à coragem. O sentido do dever em Homero é uma das características essenciais da nobreza. A grande força da educação da nobreza reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal, que desta forma o indivíduo tem sempre diante de si.

A *Iliada* é vista por Jaeger como testemunho de elevada consciência educadora da nobreza grega primitiva, retratando uma nova imagem do Homem perfeito, para o qual ao lado da ação estava a nobreza de espírito, e só na união de ambas se encontrava o verdadeiro objetivo.

Para Homero, a maior tragédia que poderia existir seria a negação da honra. O tratamento entre os heróis dava-se com respeito e honra. Para os mesmos, a honra constituía-se em prática incessante. Quanto maiores os heróis e mais poderosos os príncipes, maior a honra que se lhes cabia. O elogio e a reprovação constituíam-se na fonte da honra e da desonra. No en-

tanto, o elogio e a censura foram pela Ética Filosófica posterior, considerados como elemento fundamental da vida em sociedade, através do qual se manifesta a existência de uma medida de valor na comunidade humana.

Os deuses em Homero constituem uma sociedade imortal de nobres. A essência da piedade e o culto grego expressam-se na honra à divindade.

A *Iliada* e a *Odisséia* refletem estágios diferentes de evolução da cultura grega.

A primeira, o mais antigo dos dois poemas, aborda o mundo situado numa época em que o espírito heróico da *arete* é predominante, e este ideal se faz presente em todos os seus heróis, para os quais, luta e vitória são a mais alta distinção e o conteúdo próprio da vida.

Na *Odisséia*, a descrição do comportamento dos heróis na luta ocorre poucas vezes. Oferece-nos um quadro onde o motivo é o regresso dos heróis, uma representação intuitiva e uma descrição amorosa quando do regresso à vida de paz em um lar. Nela é pintada a existência do herói após a guerra, as suas viagens aventurosas e a vida caseira com a família e os amigos, tudo inspirado na vida real dos nobres e projetado numa época anterior. Trata-se por estas características e outras mais, considerada uma epopéia romance. Nela não faltam traços do maravilhoso.

A imagem da nobreza apresentada na *Odisséia* diferencia-se da anteriormente apresentada na *Iliada*, a qual, é quase em sua totalidade, uma imagem da fantasia, podemos considerar que trata-se do espanto perante a sobre-humana *arete* dos heróis da Antigüidade e são poucos os traços realistas e políticos que se lhe apresentam.

Na *Odisséia* a nobreza é uma classe fechada e consciente de seus privilégios. No lugar das grandiosas paixões dos heróis e dos trágicos destinos presentes na *Iliada* encontramos um grande número de figuras com características mais humanas. Todo o valor da personalidade humana é medido no ideal herdado da destreza guerreira. A este ideal se junta o elevado cultivo das virtudes espirituais e sociais. O que caracteriza o herói neste aspecto, é nunca faltar-lhe o conselho inteligente, a palavra adequada sempre no momento exato. O que bem expressa Werner Jaeger quando diz:

"A sua honra é a sua destreza e o engenho da sua inteligência que, na luta pela vida e no regresso a casa, sai sempre triunfante em face dos inimigos mais poderosos e dos perigos que os espreitam."

Op. cit., p. 41.

Podemos considerar que na *Odisséia* o espiritual está vigorosamente posto em relevo e que seus personagens portam-se com excelência e inteligência, o que poderíamos chamar de verdadeira dignidade espiritual.

No que se refere à Cultura Latina, temos em Vergílio a arte e a genialidade da épica romana. *Eneida*, a epopéia nacional romana, apresenta-se como obra concebida aos moldes da épica de Homero. Constitui-se no cânone do gênero épico para os romanos numa qualidade que despertou na Antigüidade Clássica o mais vivo entusiasmo o que também, posteriormente, veio ocorrendo.

Trata-se de um singular momento patriótico nacional do glorioso passado romano. O poema vergiliano caracteriza-se pela excelência de sensibilidade. Três são os elementos básicos: o amor à pátria, o amor à natureza, o amor à humanidade. Vergílio enaltece a Roma de Augusto, celebra magnificamente a atividade intelectual e artística dos gregos e os heroísmos romanos passados. Analisa de modo profundo a alma humana percorrendo suas profundezas e sondando suas misérias.

Os heróis vergilianos são dotados de características complexas, precisamente por serem personagens bem mais racionais. Temos aqui a presença dos deuses de forma adversa da apresentada por Homero. Trata-se da presença de deuses com sentimentos humanos.

O sentimento nacional romano de patriotismo é encarnado por Vergílio, ou seja, nele são destacados sentimentos de superioridade do povo; o dom de comandar com todas as virtudes e qualidades possíveis; o sentimento de dever e a subordinação absoluta do Homem à pátria e à piedade. Em seus versos sem dúvida alguma, o gênio organizador e civilizador de Roma deixa transparecer-se.

Vergílio é visto por A. Bellessort como um poeta erudito, não somente por criar uma epopéia aos moldes homéricos, ou ser profundo conhecedor de Literatura Grega e Alexandrina mas, sobretudo, por ter recorrido a fontes tradicionais romanas, documentos sobre a fundação de Roma e outros detalhes mais desta ordem que se deixam visualizar na Epopéia. Sua inspiração é dotada de conhecimentos precisos e exatos. Desta forma, o povo romano surge historicamente representado sob a mais perfeita harmonia poética.

Tendo pois sido feita a apresentação das acepções do vocábulo *fama*, acrescida pela parte elucidativa referente às epopéias da Antigüidade Clássica, creio de antemão, já podermos fazer algumas inferências a respeito.

No que tange ao aspecto da *fama* na Antiguidade, a preocupação dos clássicos em termos de *fama* significando *glória* encontra-se inicialmente ligada aos feitos e bravuras do guerreiro grego. O herói se apresenta como algo perfeito em termos de qualidades físicas e morais, formando por assim dizer, um todo harmônico. A *fama* = *glória*, então objeto da presente exposição, pode ser considerada como uma preocupação de caráter meramente terreno. Algo como resposta imediata à realidade apresentada. Em termos genéricos podemos considerar tanto em Homero quanto em Vergílio, o mesmo tipo de conotação do vocábulo, com pequenas alterações que não chegam a modificar a natureza da significação, a verdadeira *fama* somente sendo alcançada através da bravura guerreira, da plenitude dos atos e do exercício constante da dignidade espiritual.

3 — A FAMA EM OS LUSÍADAS

Uma obra da envergadura de *Os Lusíadas*, implica uma perfeita fusão entre a emotividade poética, a intuição criadora, a inteligência crítica, a técnica lingüístico-estrutural, acrescentando-se ainda, uma profunda cultura humanística e também de caráter histórico-científico preciso.

A linha arquitetônica dos poemas da Antiguidade Clássica é por Camões aceita conciliando a razão e o senso estético. Elabora sua narrativa na mais harmoniosa disposição orgânica, onde a matéria histórica da nação portuguesa é tratada de maneira exata e precisa no que diz respeito ao uso da linguagem literária. Temos nos episódios de maior destaque guerreiro, a minuciosidade na descrição das batalhas de Ourique, Salado e Aljubarrota, de modo perfeitamente adequado à realidade histórica.

Hernâni Cidade, põe em relevo que:

“O homem culto de Quinhentos não estavam em face de dois mundos — um novo e outro velho. Eram ambos novos e de incontáveis maravilhas — O Novo Mundo que ficava para além do Tenebroso, e o novo mundo que surgia além da Idade Média.

... Cumpre, todavia, notar que o mundo novo que surgia com a cultura humanística era novo apenas na abundância dos pormenores e na graça pagã em que ressurgia, como restituído à sua mesma natureza. Porque jamais a cultura medieval com ele perdera contacto, apenas fazendo esforços no sentido de o incorporar em sua própria substância ideológica e artística.”

Op. cit., p. 55.

A epopéia camonianiana apresenta-se como erudita na estrutura de sua forma, como também nas digressões informativas, como nos juízos de valor e nos encarecimentos exaltantes. Ao iniciar seu poema, Camões enaltece os barões portugueses sob a forma:

*“AS ARMAS, e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé e o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantarei espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.”*

(I, 1 e 2)

Desta maneira consegue o poeta imortalizar os guerreiros lusitanos, infundindo-lhes uma grandeza quase que de caráter mitológico. Assim sendo, seus heróis na História Portuguesa assumem a mesma conotação que os heróis gregos em sua Mitologia.

Aos moldes da Antiguidade Clássica, o Humanismo Renascentista recria seus valores tanto de ordem artística quando de ordem humanística.

Segundo Homero, os deuses provocaram as guerras para fornecer matéria ao canto dos poetas, o que Hernâni Cidade assim observa:

“... a batalha, pela tensão de esforço em que anormaliza o homem, pela explosão das energias necessárias a impor a vontade de triunfo e a ambição de glória a todos os retraimentos do medo e da piedade, suscita, naturalmente, a exaltação das emoções fortes: espanto, entusiasmo, anseio de superação heróica, que é ao mesmo tempo o estímulo e o objectivo do canto épico.”

Op. cit., p. 156.

As batalhas de Ourique, do Salado e de Aljubarrota foram realmente três momentos críticos na História de Portugal e de toda a Península Ibérica. Na epopéia de Camões, a batalha de Ourique nos é apresentada desde o momento de sua preparação até o seu desfecho catastrófico. Aparece como tragédia em mais de um ato. Podemos considerar a sangrenta batalha como o batismo de sangue do Novo Reino. Na batalha do Salado é o Cristianismo na Península Ibérica que se consolida a despeito da ameaça mourisca. Camões nos pinta o fato com maior relevo e mais espetaculoso dramatismo. Põe vigor nos gritos dos guerreiros, muitos dos quais morrem no horrendo campo de batalha. E o sem número de mortos excede em muito aos números históricos das batalhas descritas na Antigüidade Clássica.

Quanto à batalha de Aljubarrota, sua importância é relevante nos destinos de Portugal, principalmente por ter posto fim à crise política do país. Assim sendo, o poeta lhe engrandece em muito o quadro político. Trata-se de uma batalha ocorrida entre Espanhóis e Portugueses, entre dois povos cristãos, uma guerra de agressão e conquista. A descrição é feita por este motivo, em termos diferentes das batalhas anteriormente referidas.

Como tivemos a oportunidade de ver, através de comentários já feitos, o herói na Antigüidade Clássica mostrava-se na mais perfeita harmonia entre os predicados físicos e as qualidades espirituais. Em *Os Lusíadas*, o herói Vasco da Gama difere bastante do conceito clássico no que tange aos predicados físicos. A presença de Gama como personagem central do poema deve-se à fidelidade ao fato histórico do descobrimento marítimo para as Índias ter sido concretizado por ele mesmo. A primeira referência ao protagonista ocorre nos versos:

*"Por estes vos darei um Nuno fero
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara para eles só cobiço.
Pois pelo Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço.
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que pera si de Enéias toma a fama."*

(I, 12)

Sobre as características do herói lusitano podemos observar um rápido esboço quando por ocasião da passagem:

*"Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inabilita a terra lhe parece.
Por diante passar determinava.
Mas não lhe sucedeu como cuidava."*

(I, 44)

Através dos adjetivos presentes nesta estância: *forte, soberbo, altivo*, podemos perceber caracteres de ordem moral em Vasco da Gama. Posteriormente esta caracterização será firmada por epítetos como: *nobre, ilustre, sublime, valeroso*, e em última análise, pela própria conduta de Vasco da Gama.

O aspecto físico do herói camoniano fica relegado a um segundo plano, preocupando-se o poeta especialmente com os caracteres nobres, morais, patrióticos do herói. Em relação a este assunto, o Professor Luiz Piva expressa de maneira bastante objetiva a caracterização de Gama através das palavras:

"Em todos os eventos Gama é o perfeito Fidalgo, o indivíduo que, se preciso for, perderá a vida para servir a Deus e a seu rei. Não há maior heroicidade do que a de enfrentar com denodo empecilhos quase intransponíveis em benefício de Deus e do Império. Para Camões, herói é aquele que arrisca a própria existência em nome de Deus e da Pátria, e ao perdê-la, dilata-na glória eterna.

Lirismo e Epopéia em Luís de Camões. São Paulo, Cultrix, 1980, p. 54.

Aqui neste ponto podemos observar que ao conceito de *fama* em *Os Lusíadas* está intimamente ligada a conotação de *glória terrena* e *glória eterna* numa mesma medida.

Na época em questão, o homem verdadeiramente cristão atravessava um período extremamente conflituoso sendo pressionado por duas forças opostas que eram de um lado a elevação espiritual, e de outro, as paixões terrenas a fim de assegurar uma vitória no transcurso de uma existência:

"A renúncia às paixões e as potências terrestres, na qual Camões finalmente se refugia, a fim de manter-lhe a fidelidade, poderá afigurar-se como uma vitória no transcurso de sua existência. Tal renúncia é, pelo me-

nos, uma necessidade e uma decisão consumada. Todavia a história da nação, que também conduziu a luta de Camões, e por quem ele igualmente se decidiu, revela prontamente a precariedade desse triunfo celeste."

Reinhold Schneider. *Op. cit.*, p. 169.

Camões introduz em sua Epopéia o *maravilhoso dos deuses pagãos*, objetivando desta forma, dar ao poema uma perspectiva cósmica estabelecendo uma ligação entre o Pai Celestial e o mundo por Ele criado.

Desde a Antigüidade, a *glória* tem surgido sempre aliada às grandes façanhas. É considerada um dos elementos básicos da poesia épica, não havendo para um herói clássico maior ambição que a *fama*. O desejo de *fama* e *glória* é o responsável por todo o desempenho do herói na epopéia. É ele que o impulsiona a desafiar grandes façanhas, a praticar atos sobre-humanos. Os *Lusíadas* como epopéia da nação portuguesa, não poderia deixar de ter um herói sem o desejo de *fama*. Através do grande instinto de nobreza que predomina em Vasco da Gama, ele é induzido pelo amor à *glória*. Anseia por ela grandes feitos como é possível constatar através das estâncias:

*"Eu, que bem mal cuidava que em efeito
Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste jeito,
Prossago, o coração me prometia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mim se via,
Me põe o inclito Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande e grave."*

(IV, 77)

*"Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.
Sim, mas aquele Herói que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lira Mantuana, faz que soe
Enéias, e a Romana glória voe."*

(V, 94)

Vasco da Gama se apresenta como homem nobre, prudente, religioso, discreto, portador de grandes virtudes civis. Como

personagem humano que é, está sujeito às tentações do amor, ao qual abstém-se da sensualidade. Apresenta-se como um comandante extremamente humano, zela pela segurança de seus homens e chega ao ponto de expor-se a riscos pela salvaguarda dos mesmos. Sabe ser modesto e prudente, comedido e justo. As suas características mostram-se unidas e relevadas através das palavras do Professor Luiz Piva em estudo publicado na *Revista Camoniana*:

"Chefe diligente, fiel, experiente nos trabalhos do mar, autor de assinalado feito, excelente em muitas virtudes, Vasco da Gama pode reivindicar nossa admiração por sua celebrada epopéia. E como por seu valor toda epopéia acaba em descanso, nada mais justo que o sublime Capitão seja galardoado com as alegrias da Ilha Namorada, dádiva de Vênus."

Op. cit., p. 68.

4. CONCLUSÃO

Temos em *Os Lusíadas* a mais viva epopéia do Período Renascentista. Luís de Camões nela retrata uma das mais belas façanhas da História da Humanidade. Façaça esta, escrita com o sangue lusitano e devida à grande união entre pensamento, vontade e ação de um povo.

De toda a poética renascentista, a obra que mais fielmente retrata o homem daquela época, é sem dúvida alguma, *Os Lusíadas*.

O grande herói cantado é Vasco da Gama, responsável pelo descobrimento do caminho marítimo para as Índias. Retrata Camões no poema o máximo da glória nacional do povo português, a *valerosa gente lusitana*, que num esforço coletivo imortalizou-se na Literatura Universal. Na epopéia somente aqueles que realizaram grandes feitos por amor à Pátria e à Fé Cristã, têm o seu nome celebrado.

Não só Vasco da Gama como herói épico luta pela glória de seu povo na epopéia, Baco e Vênus também se debatem pela glória e o motivo pelo qual isso ocorre é exatamente a disputa pelo renome que cada um reclama para si.

Podemos considerar ainda, que o conceito de *fama* = glória na epopéia camoniana está ligado, em última instância, à consciência que tinham os portugueses de "povo eleito", portador de uma mensagem de Fé Cristã e de um fraterno viver, a ser propagado pelas terras por eles colonizadas.

Através do mar este ideal messiânico deveria realizar-se. A verdadeira significação das façanhas sobre-humanas realiza-

das pelos *barões assinalados*, talvez fossem produto de toda essa visão de país destinado a realizar tão importante missão ecumênica universal.

Na figura de D. Sebastião viam os portugueses a esperança da civilização, e a reparação de todos os erros outrora cometidos. A D. Sebastião caberia retomar a tarefa que os *Fados* impuseram a Portugal, lutando não somente por novas conquistas territoriais, mas também pelo estabelecimento de um reino onde cada ser humano pudesse desenvolver todas as suas potencialidades. A D. Sebastião caberia por fim a questão mourisca, e a ele também caberia iniciar um novo período histórico. Desde modo, D. Sebastião conduziria a humanidade a Cristo e assim sendo, nasceria o Quinto Império, o Império do Futuro. E este Império tão esperado seria o império do amor, da justiça, da fraternidade universal, da verdadeira comunhão do humano com o divino, trazendo para Portugal toda a *fama* e toda a *glória* possíveis a uma nação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLESSERT, André & GOELZER, Henri. — *Virgile: Énéide*. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1957.
- BERTHAUT, H. & GEORGIN, Ch. — *Histoire Illustrée de La Littérature Latine*. Paris, Librairie A. Hatier, 1947.
- BUENO, Francisco da Silveira — *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. Santos, Ed. Brasília, 1974.
- CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões: O Épico*. Lisboa, Livr. Bertrand, 1975.
- CUNHA, Maria Helena R. & PIVA, Luiz. — *Lirismo e Epopéia em Luís de Camões*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1980.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*. 3. ed. Rio de Janeiro, MEC/CNME, 1962.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1982.
- HUMBERT, Jules. — *Histoire Illustrée de la Littérature Latine*. Henri Didier Éditeur, 1932, Paris.
- JAEGER, Werner. — *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. Tradução de Arthur M. Parreira. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1979.
- LUÍS DE CAMÕES, OBRA COMPLETA**. — Rio de Janeiro, Companhia Editora Aguilar, 1963.
- MORAIS, Orlando Mendes de & PENA, Leonam de Azevedo. — *Dicionário de Sinônimos e Antônimos*. Rio de Janeiro, Edições Spiker, 1958.
- PIVA, Luiz. — *Do Antigo e do Moderno na Épica Camoniana*. Brasília, Clube de Poesia e Crítica, 1980.
- SCHNEIDER, Reinhold. — *Camões, Angústia e Tragédia*. São Paulo, Ed. Herder, 1967.
- KOEHLER, S.J.H., — *Dicionário Escolar Latino Português*. Porto Alegre, Edição da Livraria Globo, 1944.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. — *Dicionário da Mitologia Latina*. São Paulo, Cultrix, 1982.